

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

MARCELO SOUTO DA SILVA

LITERATURA RUSSA E DESENCANTAMENTO DO MUNDO: ESTUDOS DE MAX
WEBER, DOSTOIÉVSKI E TOLSTÓI

Manaus

2017

MARCELO SOUTO DA SILVA

**LITERATURA RUSSA E DESENCANTAMENTO DO MUNDO: ESTUDOS DE MAX
WEBER, DOSTOIÉVSKI E TOLSTÓI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Renan Melo Freitas Pinto

Manaus

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586l Silva, Marcelo Souto da
Literatura russa e desencantamento do mundo: estudos de Max Weber, Dostoiévski e Tolstói / Marcelo Souto da Silva. 2017
186 f.: 31 cm.

Orientador: Ernesto Renan Melo Freitas Pinto
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociologia. 2. Literatura russa. 3. Desencantamento do mundo.
4. Modernidade. I. Pinto, Ernesto Renan Melo Freitas II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

MARCELO SOUTO DA SILVA

**LITERATURA RUSSA E DESENCANTAMENTO DO MUNDO: ESTUDOS DE MAX
WEBER, DOSTOIÉVSKI E TOLSTÓI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de doutor.

Aprovado em _____ de _____ de 2017.

Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto
(Presidente)

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva
(Membro)

Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho Paiva
(Membro)

Profª. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas
(Membro)

Prof. Dra. Lileana Mourão Franco de Sá
(Membro)

RESUMO

A presente tese busca revelar os pontos de contato da produção intelectual de Max Weber, especialmente no que concerne ao conceito de *desencantamento do mundo* e as obras selecionadas de Dostoiévski e Tolstói. Todo o método construído para encaminhar a análise relacional está fundamentado no equilíbrio entre texto e contexto. O reconhecimento dos debates em andamento no campo intelectual russo, em permanente contato com o ocidental, bem como elementos biográficos e técnicos dos autores e de suas obras constituem os caminhos da análise. Weber se tornou, ao mesmo tempo, objeto de estudo e método. Seus próprios conceitos foram trazidos para o centro da análise, possibilitando a interpretação e compreensão das condutas individuais de autores e personagens literários, com vistas a extrair seus significados sociológicos. No primeiro momento da análise, aquele relativo ao *desencantamento do mundo* pela ciência e pela técnica, *A Morte de Ivan Ilitch* revelou-se uma das representações literárias mais contundentes dos efeitos diagnosticados por Weber deste processo. O *Sonho de um homem ridículo* demonstrou ser resultante de intenso debate na Rússia entre eslavófilos e ocidentalistas. Dostoiévski promove, na narrativa, um convite à resistência da Rússia quanto ao avanço da ciência ocidental com seu devastador processo de *desencantamento do mundo*. No segundo momento da análise, o *desencantamento do mundo* em sua acepção religiosa, enquanto desmagificação pela religião dos meios de salvação revelou que tanto *Os Irmãos Karamázov* quanto *Ressurreição* demonstram uma base sócio-histórica russa radicalmente diferente daquela diagnosticada por Weber no ocidente. Pelo lado ocidental, uma racionalização da conduta de vida em busca da salvação, de caráter ascético intramundano que foi desaguar no individualismo exclusivista e capitalista eminentemente competitivo. Pelo lado russo, uma racionalização que não seguiu os graus extremos ocidentais e permaneceu, por isso, em suas bases cristãs místico-contemplativas ou ascético-extramundanas, em todo caso fomentadoras de uma visão comunitária de amor fraternal universalista que contrastam a olhos vistos com a ética capitalista. Os conflitos da modernidade e os efeitos do processo de *desencantamento do mundo*, a se revelarem nas produções dos autores analisados legaram ao mundo o mais impressionante diagnóstico que temos notícia dos rumos que a humanidade tomou, a partir da modernidade (em Weber), e dos caminhos possíveis à nossa história, para os quais a Rússia deixa instigantes pistas sob a pena de Tolstói e Dostoiévski.

Palavras-chave: Sociologia, literatura russa, desencantamento do mundo, modernidade.

ABSTRACT

The present thesis seeks to uncover the points of contact of Weber's intellectual production, especially regarding to the concept of disenchantment of the world and the selected works of Dostoevsky and Tolstoy. All the method constructed to direct the relational analysis is based on the balance between text and context. The recognition of the ongoing debates in the Russian intellectual field, in permanent contact with the West, as well as the biographical and technical elements of the authors and their works constitute the paths of analysis. Weber became, at the same time, object of study and method. His own concepts were brought to the center of the analysis, making possible the interpretation and understanding of the individual behaviors of authors and literary characters, in order to extract their sociological meanings. In the first stage of the analysis, that relating to the disenchantment of the world by science and technique, *The Death of Ivan Ilitch* proved to be one of the strongest literary representations of the effects diagnosed by Weber on this process. *The Dream of a ridiculous man* proved to be the result of intense debate in Russia between Slavophiles and Westerners. Dostoevsky promotes, in the narrative, an invitation to Russia's resistance against the advance of Western science with its devastating process of disenchantment of the world. In the second moment of the analysis, the disenchantment of the world in its religious sense, while the loss of magification by the religion of the means of salvation, revealed that both the *Karamazov Brothers* and *Resurrection* demonstrate a Russian socio-historical basis radically different from that diagnosed by Weber in the West. On the western side, a rationalization of the existence seeking for salvation, of an intramundane ascetic character that was pouring into the exclusivist and capitalist individualism that was eminently competitive. On the Russian side, a rationalization that did not follow the extreme western degrees and remained, therefore, in its mystical-contemplative or ascetic extramundane Christian bases, in any case fomenting a communist vision of universalist brotherly love that contrasts with the capitalist ethics. The conflicts of modernity and the effects of the disenchantment of the world, revealed in the productions of authors analyzed, have given the world the most striking diagnosis that we have heard of the course that humanity has taken, from modernity (by Weber), and from the possible paths to our history, to which Russia leaves thought-provoking clues under the pen of Tolstoy and Dostoevsky.

Keywords: Sociology, Russian Literature, disenchantment of the world, modernity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Desencantamento do mundo em Max Weber: breve introdução.....08

CAPÍTULO 1

Sociologia e literatura: Weber como objeto de estudo e como método 20

CAPÍTULO 2

Breve contextualização histórica da Rússia.....43

CAPÍTULO 3

3.1 Desencantamento do mundo pela ciência e pela técnica: perda de sentido da existência e literatura russa.....54

3.2 Morte e *desencantamento do mundo*.....67

3.3 A ciência enquanto sonho de um homem ridículo 84

CAPÍTULO 4

4.1 *Desencantamento do mundo* enquanto eliminação dos meios mágicos de salvação pela religião e os contrastes entre a Rússia e o Ocidente, na literatura de Tolstói e Dostoiévski.....116

4.2 Radicalidade moral e ética cristã: a ressurreição do homem em Tolstói.....137

4.3 Fé ortodoxa versus modernidade em Dostoiévski 155

CONCLUSÃO.....175

REFERÊNCIAS.....180

INTRODUÇÃO

Desencantamento do mundo em Max Weber: breve introdução

Um fato peculiar marca a trajetória intelectual de Max Weber. Iniciando seus estudos universitários no ano de 1882, sua intensa capacidade de produção intelectual sofreria um hiato por volta de 1898. O que sobreviria a seguir marcaria uma nova fase na produção científica do cientista social alemão. Fase esta que não se desliga inteiramente do período que antecede seu esgotamento nervoso, mas que terá nela suas bases para uma interpretação do mundo ocidental sem precedentes na história da ciência.

A obra com que Weber ganharia novamente destaque no cenário intelectual alemão seria *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, tendo sua primeira edição lançada em 1904-05. Antônio Flávio Pierucci, um dos maiores estudiosos de Weber no Brasil e no mundo, afirma que Weber não pode ser considerado um sociólogo da religião, ao menos não no sentido moderno do termo (cf. PIERUCCI, 2003). Isso porque a grande aventura intelectual que se inicia com a produção da obra supracitada vai abrir caminho para um vasto esforço de compreensão e interpretação de um processo que legou, ao Ocidente, suas características mais marcantes, a saber: *desencantamento do mundo*, eixo central de sua produção sociológica e desta tese. Dito de outro modo, a religião não era o elemento central na sociologia weberiana, ao contrário do que algumas leituras apressadas possam sugerir, apesar de assumir uma posição estratégica em seu esforço de compreensão quanto aos processos que fizeram da civilização ocidental o que é, e não outra coisa.

É exatamente com esta questão que se deparou Pierucci, em suas aulas no curso de pós-graduação em sociologia na Universidade de São Paulo, questão que ele define como “um mal-entendido que ronda a imagem de Weber”, a saber:

[...] supor que a estratégica posição de que gozam os três grandes ensaios teórico-reflexivos intitulados “Introdução do autor” [*Vorbemerkung*], “Introdução” [*Einleitung*] e “Consideração intermediária” [*Zwischenbetrachtung*] como pontos nodais de sua teoria macro-sociológica do processo de racionalização ocidental possa se reduzir a uma especialidade de área denominada Sociologia da Religião. (PIERUCCI, 2003, p. 15)

E é de nosso interesse salientar este ponto por um fator basilar: estudar o conceito de *desencantamento do mundo*, relacionando-o com o contexto russo expresso nas obras selecionadas de Tolstói e Dostoiévski não é, também, restringir a uma análise focada na religião, apesar de estes temas também serem estrategicamente centrais para ambos.¹ Um estudo relacionado e comparativo entre sociologia weberiana e literatura russa deve revelar, também, ao focar certos temas, qual era o desejo de Weber no sentido de compreender o Ocidente e os processos que compõem sua modernização, aspectos específicos dos mesmos processos na Rússia e como que eles se diferem ou se assemelham.

Dissemos que a “nova fase” fase da produção intelectual de Weber tem na primeira as suas bases, porque por meio delas ele pôde aguçar sua visão sistêmica e dar os primeiros passos na construção do que viria a ser o método da sociologia compreensiva. Aos quatorze anos ele já escreve dois ensaios históricos: “Acerca do Curso da História da Alemanha, com Especial Atenção às Posições do Imperador e do Papa” e “Acerca do Período Imperial Romano desde Constantino até a Migração das Nações”. Dois anos depois desenvolve “Observações acerca do Caráter Étnico, o Desenvolvimento e a História das Nações Indo-europeias” (cf. WEBER, 2003). Sabemos que, naquela época, os jovens ainda não eram educados segundo um modelo de ensino com disciplinas especializadas, mas ainda assim surpreende a capacidade de Weber de estabelecer abordagens que levem em consideração fatores de diferentes ordens, como aspectos culturais, religiosos, econômicos e políticos. Ainda na biografia de Weber, Marianne detalha este último trabalho observando que:

“Weber começa descrevendo a “natureza” e o nível cultural das nações mais importantes, utilizando a distinção entre “emoções nacionais” [*Volksgemüt*] como fonte das religiões e da poesia popular e o “espírito nacional” [*Volksgeist*] como forma de atividade intelectual que dá origem à “cultura” no sentido autêntico. Esclarece seu significado numa análise comparativa de diversas obras literárias, filosofias e religiões tomadas do Oriente e do Ocidente e em particular da obra dos gregos. (WEBER, 2003, p. 57-58)

Weber ainda escreveria, antes de seu esgotamento nervoso, sobre a história das companhias comerciais na idade média; a situação dos trabalhadores rurais a leste do Elba; história agrária de Roma; o Estado nacional e a política econômica e

¹ Bastando, para isso, observar-se a quantidade de citações bíblicas que abrem ou integram as obras e os temas religiosos que perpassam os enredos ou as personagens.

outros temas. Merece destaque a abordagem comparativa citada no trecho acima entre as “obras literárias, filosofias e religiões tomadas do Ocidente e Oriente”. Talvez, um estudo que relacionasse os primeiros trabalhos de Weber como matriz de suas abordagens sociológicas pudesse revelar inúmeros rudimentos de sua “sociologia madura” presentes em seus ensaios de juventude, tal como a já citada sociologia comparativa que, mais tarde, buscaria também na comparação entre as civilizações ocidentais e orientais os elementos dos processos de racionalização especificamente ocidentais. Claramente este não é o objetivo desta tese, mas vale a pena destacar que, diante de uma mudança tão intensa nos temas tratados após sua crise nervosa, ainda é perceptível a conexão existente no que diz respeito à estratégia para construção do conhecimento científico. Max Weber parte de uma tática e método muito peculiares para a compreensão do especificamente ocidental, do qual a religião é apenas um elemento importante, mas nunca o ponto de chegada.

O conceito de *desencantamento do mundo*, foco central do presente estudo, aparece após a crise nervosa estar parcialmente superada, ou seja, na que denominamos “nova fase” de sua produção intelectual, e é nele que me deterei agora.

A ideia de nortear a comparação dos temas weberianos com a literatura russa, a partir do conceito de *desencantamento do mundo* surgiu quando do meu acesso tardio² a dois textos de Antônio Flávio Pierucci, a saber: um artigo intitulado *Secularização segundo Max Weber*, publicado em uma coletânea de textos sobre o sociólogo alemão e um livro, originalmente tese de livre-docência em sociologia de Pierucci, que carrega em seu título o próprio conceito weberiano, acompanhado de um subtítulo que por si só invoca o peso desta obra para o desenvolvimento de

² Digo “tardio” porque entrei em contato com estes textos após o desenvolvimento de tema correlato a este na dissertação de mestrado, defendida no PPGS-UFAM, em 2012, com o título *Uma sociologia da subjetivação: a sociologia de Max Weber e a literatura*, onde o campo comparativo era muito mais vasto, incluindo autores como Kafka e Thomas Mann. Esta amplidão, apesar de possibilitar ricas análises comparativas, não poderia ser mantida para a formulação de um problema para uma tese, que tem caráter muito mais profundo. A dificuldade estava no tamanho do contexto que me veria compelido a analisar, devido as diferentes origens dos literatos escolhidos. Resolvi, portanto, restringir o contexto ao mundo russo, para possibilitar um mergulho maior, evitando um recorte amplo demais.

minha pesquisa: *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*.³

De forma geral, os trabalhos do sociólogo brasileiro têm, como objetivo fundamental, corrigir um mal entendido no que diz respeito ao significado destes dois conceitos. As propostas seguem uma linha tão semelhante que, na verdade, parecem integrar o mesmo trabalho guiado por um fio condutor, a saber: devolver aos dois conceitos weberianos suas acepções originais, sem os acréscimos ou interpretações vagas que ganharam ao longo do tempo. O desenvolvimento de suas análises deverá perpassar nossa própria argumentação, pela segurança e profundidade com que são desenvolvidas, o que nos confere uma relativa solidez na atribuição correta dos significados dos conceitos escolhidos, evitando um ponto de partida vago ou equivocado, com base em leituras conceituais destoantes, o que colocaria em cheque a robustez da pesquisa. Sigamos, portanto.

No referido ensaio intitulado *Secularização segundo Max Weber* (2000), Pierucci inicia parafraseando Jürgen Habermas: “Saber do que se fala sempre ajuda” (HABERMAS, apud PIERUCCI, 2000, p. 105).

Fazemos também nossas as palavras de Habermas, para reafirmar a necessidade explicitada por Pierucci de trazermos novamente às rodas de discussão velhos conceitos weberianos que, ao longo dos anos, ganharam diversas interpretações.

Ao recorrermos a um autor clássico, faz-se necessário “saber do que se fala”. Ainda que a nomenclatura possa ser a mesma para os conceitos em pauta, os significados podem se moldar (erroneamente) às interpretações de cada autor. Não é por menos que Jeffrey Alexander nos adverte que

[...] A necessidade funcional de clássicos surge da necessidade de integrar o campo do discurso teórico [...] O reconhecimento consensual de um clássico implica um ponto de referência comum [...] É um símbolo que condensa – “representa” – uma série de compromissos diferentes. (ALEXANDER, 1999, p. 46)

³ Poderíamos, aqui, fazer um longo histórico da grandiosa tese de Pierucci, demonstrando quantas vezes e em que pontos o conceito de *desencantamento do mundo* aparece nos textos de Weber. Reservo-me, no entanto, a sugerir a presente obra, que merece ser lida inteiramente, dada a sua importância para todos os leitores ou estudiosos do sociólogo alemão.

Construir um ponto de referência comum nos parece o procedimento mais acertado, principalmente quando o centro da pesquisa gira em torno destes conceitos weberianos.

O conceito de *desencantamento do mundo* é uma criação particularmente weberiana. No primeiro capítulo de sua obra, Pierucci (2003), diferentemente de outros tradutores e estudiosos do sociólogo alemão prefere não filiar, de forma categórica, a inspiração de Weber para criar o tão famoso conceito à literatura do grande filósofo e poeta Friedrich Von Schiller (1750-1805).⁴ Para ele - e essa hipótese também é a de outro grande estudioso da sociologia weberiana, Wolfgang Schluchter – Weber teria apenas se inspirado em termos análogos encontrados em Schiller. Sem a pretensão de desvendar as origens desta vinculação, o que merece destaque, aqui, é a diferença que se precisa estabelecer entre a expressão e o conceito *desencantamento do mundo*, confusão que dá origem a uma interpretação polissêmica que não corresponde ao núcleo duro do conceito em si, e as origens desta deturpação estão no próprio peso poético do conceito. “*Desencantamento do mundo* é um significante de fraseado lírico, hipersuscetível de manipulação metafórica”, diz Pierucci (2003, p. 32), ou seja, a expressão, de caráter livre e inspirador, permite interpretações por demais variadas, já o conceito, desenvolvido e amadurecido por Weber, tem um significado seguro e específico.

Ainda no recuperar do cerne conceitual proporcionado pela leitura atenta de Pierucci, *desencantamento do mundo* nada tem a ver com desencanto, no sentido existencial do termo, tendo, em Weber, dois sentidos possíveis⁵: a) representa o processo de racionalização sofrido pela religião, através do qual os meios de salvação da criatura desligam-se de procedimentos mágicos, e a colocam em relação direta com Deus, ou b) Desencantamento do mundo pela técnica e pela ciência.

Uma localização conceitual como esta, antes de entrarmos nas análises propriamente ditas é essencial, ainda mais quando o terreno a ser adentrado é sociologia da literatura. Não se poderá supor, num erro que seria grotesco, que o

⁴ Pierucci cita como autores que afirmam essa vinculação: Gerth & Mills, Bell, MacRae e Koch.

⁵ Pierucci cataloga todas as vezes que o termo *desencantamento do mundo* aparece na literatura de Weber, para analisar cada um deles em seu contexto e significado.

desencantamento do mundo de Max Weber pudesse ser utilizado, no que seria uma psicologização sociológica barata, para interpretar estados vivenciais ou emocionais das personagens de Tolstói e Dostoiévski em suas desilusões existenciais, que certamente devem ter sua riqueza, mas não sob o olhar crítico da sociologia weberiana. O que deve ser analisado, à luz desta retomada conceitual proposta por Pierucci é, uma vez mais, como que o *desencantamento do mundo* se relaciona com as obras selecionadas, seja em qualquer um dos dois sentidos já citados que o conceito possa ter, e de que forma ele se conduz, semelhante ou destoante aos mesmos processos de racionalização ocorridos no Ocidente. Este ponto nos leva a uma importante questão: qual era a relação de Weber com a literatura e, de forma específica, o seu interesse pela Rússia, representada nos textos de Tolstói e Dostoiévski?

Quando se adentra, de forma continuada e sistemática a trajetória intelectual de Weber, salta aos olhos o capital intelectual de que ele era portador e a sua capacidade grandiosa de relacionar os mais diversos universos do conhecimento, com destaque, aqui, para o papel que a literatura terá neste processo, culminando nos seus grandes textos, marcados pela construção lúcida e precisa de conceitos que sejam capazes de compreender e interpretar a realidade social.

Weber era leitor inveterado de grandes obras da literatura e filosofia. Encontraremos, mais uma vez, na biografia produzida por sua esposa, Marianne Weber, muitas referências às leituras do sociólogo alemão:

Seus juízos sobre os clássicos gregos e latinos – Homero, Heródoto, Virgílio, Cícero, Salústio – mostram uma atividade mental precoce e independente e uma assombrosa intensidade intelectual. Uma comparação entre Homero e Ossian também mostra que era receptivo à poesia e sensível às “realidades últimas”. Durante meses, ocupou-se de Cícero, que achou “insuportável” por causa de sua presunção, seu amor em fazer frases e sua indecisão política. Aparentemente supôs que o quadro que lhe haviam apresentado na escola era falso e leu toda espécie de obras de Cícero e acerca dele. As figuras históricas romanas e a motivação de suas ações ganharam vida para ele em sua imediação. (WEBER, 2003, p. 62)

Apesar de ser sobretudo um teórico e exímio perscrutador das realidades sociais, Weber também adentrava, por vezes, questões humanas de caráter mais subjetivo, pertencentes ao quadro das “realidades últimas”. Neste movimento, parecia se refugiar em textos literários tendo, contudo, cautela ao conectá-los com a

construção de conceitos sociológicos fundamentais, tal qual ficou demonstrado anteriormente, com relação ao *desencantamento do mundo*, inspirado em Schiller.

Além disso, a atmosfera intelectual de Weber era cercada pelo “mundo russo”. Waizbort (2000) cita um texto de Günther Roth, onde lemos:

We have Paul Honigsheim's testimony that during those Sunday afternoon meetings “he could not remember one talk during which the name of Dostoevsky did not crop up. But perhaps even more urgent... was it for Weber to come to grips with Tolstoy”. In dealing with them Weber responded, in some measure, to the intellectual interests of young men around him. There is no evidence that the two Russians had been a formative influence, although at the age of nineteen Weber knew Ivan Turgenev's works well and the avant garde of his own generation chose Dostoevsky and Tolstoy as literary models in the 1880's. Yet after his own crisis Weber was likely to have a greater interest than before in the psychological complexities of the two men. (ROTH, 1917, p. 25 *apud* WAIZBORT, 2000, p. 300-301)

Waizbort ainda cita, neste mesmo artigo, inúmeras outras fontes que ratificam esta filiação do ambiente intelectual de Weber com o mundo russo, em particular com Dostoiévski e Tolstói. Destacamos ainda a afirmação no trecho acima de que após sua crise, Weber ampliou seu interesse em particular pelas complexidades psicológicas de Tolstói e Dostoiévski. Contudo, acredito que este “fator psicológico”, como defenderei mais a frente, diz respeito à ausência de valores absolutos na modernidade, o que colocou o indivíduo à deriva num oceano de escolhas, onde a ciência não pode nem deve responder à pergunta sobre quais valores devemos seguir. Parece-me que este fator subjetivo, referente aos elementos citados era parte da crise de Weber e estava relacionado às análises e questionamentos de sua teoria. O mesmo fator também estava muito presente nos textos de Dostoiévski, em sua polifonia, mas com muito mais intensidade na própria personalidade de Tolstói, que era bastante representativa desta luta de valores, guerra subjetiva entre o tradicional e o moderno, representada também em seus protagonistas. Para um autor preocupado em desvendar as ligações causais que converteram a civilização ocidental com bases religiosas em uma sociedade capitalista, que tem no seu bojo o racionalismo técnico, qual seria a utilidade de se estudar uma nação e cultura essencialmente diferentes e, principalmente, em um estágio anterior de desenvolvimento com relação ao Ocidente?

Acontece que este é exatamente o núcleo de seu interesse. Para o cientista social seria, no mínimo, intrigante poder revisitar seu objeto de estudo em fase de desenvolvimento anterior àquela que ele é capaz de observar na época em que se debruça sobre o mesmo. A Rússia fornecia exatamente esta oportunidade para Weber. É certo que a religiosidade russa diferia bastante da ocidental. Nesta última temos um sistema religioso que “se adaptou” às mudanças estruturais oriundas do avanço técnico, promovendo no homem religioso – especificamente no protestantismo - um ascetismo intramundano. Naquela, permanece o afastamento do mundo e de tudo o que a ele está ligado como forma de salvação (cf. WAIZBORT, 2000). Junte-se a isto o fato de que a Rússia se desenvolveu com relativo atraso em relação aos passos dados pelo Ocidente, sem que isso implique necessariamente afirmar a existência de um progresso – e esta era exatamente a crítica de Dostoiévski, por exemplo.

Neste mesmo sentido, novamente Leopoldo Waizbort afirma que

A Rússia é (ou seria) interessante para Max Weber porque lá ele encontra (ou encontraria) uma outra configuração da transformação civilizatória da religião – o que serve para seus propósitos comparativos na delimitação do especificamente ocidental. (WAIZBORT, 2000, p. 291)

Tanto para Dostoiévski quanto para Weber, Rússia e Ocidente estão ligados e representam oportunidades de observação no campo político, filosófico e religioso, como parâmetros de comparação de transformação mais tardios ou avançados vivenciados em ambos. Em posfácio à obra *Os Demônios*, Paulo Bezerra, exímio tradutor das obras do autor russo para o português afirma que

Graças a essa sensibilidade, (de Dostoiévski) o que antes se esboçava como registro de um acontecimento singular sob a forma de crônica de um corte na história transborda na construção de um microcosmo em que se fazem representar as principais tendências do pensamento da época e da evolução da sociedade, os elos que ligam passado, presente e futuro, permitindo que um acontecimento político local se deixe ler como uma visão retrospectiva e prospectiva da história **da Rússia e de outros países**.⁶ (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 693).

Ora, em sentido inverso ao de Max Weber, Dostoiévski e Tolstói podem visualizar o futuro da nação russa caso sucumba aos mesmos passos dados pelo

⁶ Grifo meu.

mundo ocidental. E este não é um caso simplista de xenofobia com traços de fanatismo religioso. É uma análise de duas mentes que podiam, assim como Weber o fez, projetar consequências inevitáveis dos passos dados pelo Ocidente, no sentido de um radical individualismo e racionalismo, fomentadores dos “especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada (que) imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado” (WEBER, 2004, p.166).

É exatamente por aí que emerge a importância da presente pesquisa: demonstrar que existe uma relação entre o sociólogo e os literatos russos e, principalmente, quais as suas implicações, seja para a teoria sociológica do primeiro ou para a literatura destes últimos. Certamente, ao extrairmos dos textos esta relação, constatamos tanto essa volta ao passado comparativa com relação ao mundo ocidental realizada por Weber em seus textos, quanto a possibilidade de Dostoiévski e Tolstói visualizarem o futuro da Rússia, desenhado nas consequências já vivenciadas pelo Ocidente e grafadas nas críticas em seus contos e romances, mas fundamentalmente como contribuem para a estrutura da teoria sociológica de Weber bem como do processo criativo-temático oriundo do contexto em que estavam inseridos os escritores russos. Apesar dos esforços empregados nesta análise relacional e das inúmeras citações de Weber a Tolstói, por exemplo, estamos com Waizbort na posição em que

A questão não é saber se Max Weber leu, ou não, Dostoiévski... É antes apontar o fato de que ambos estão tratando de problemas muito próximos [...] Em outros termos: Dostoiévski ajuda a pensar Max Weber, assim como Max Weber ajuda a pensar Dostoiévski. (WAIZBORT, 2000, p. 292)

O recorte mais específico escolhido – literatura russa, nas figuras de Dostoiévski e Tolstói – revela de forma ainda mais latente como que ambos ajudam a pensar Max Weber, ou vice-versa.

Ainda no rol de exemplos desta relação entre sociologia e literatura, a polêmica relatada por Wolf Lepenies na obra *As três culturas*, entre Max Weber e o poeta Stefan George representa um modelo singular de como a literatura teve participação significativa na constituição da sociologia weberiana. Segundo o autor “O que (Weber) reprovava em George era o fato de ele não permanecer esteta, mas pretender com seus poemas um resultado prático” (LEPENIES, 1996, p. 280). No

então conturbado contexto alemão de disputas entre, por um lado, românticos, para quem o espírito germânico estava profundamente atrelado à capacidade de interpretação das grandes obras como base formadora do intelectual e, por outro, daqueles homens de ciência que aderiam ao espírito científico à francesa, Max Weber não se ligou de forma definitiva a nenhum deles, procurando sempre manter sua sobriedade intelectual e uma postura lúcida perante os desafios vivenciados pela então Alemanha em crise. Tal contexto de polêmicas entre Weber e George teve lugar nas observações do sociólogo alemão, mais particularmente em sua sociologia da autoridade carismática, como demonstra Lepenies:

[...] A aversão de Weber ao profetismo moderno deveria intensificar-se ainda mais com a entrada em cena justamente do poeta como profeta e visionário, como líder carismático numa época que ao contrário precisava de perícia prática e de um equilibrado senso de proporção para o politicamente factível.

Entretanto, a análise mais radical do Círculo de George [...] teve lugar nas observações de Weber sobre líder carismático [...] (LEPENIES, 1996, p. 283).

Postas as observações anteriores a respeito da importância da Rússia para Weber e tomando como exemplo a influência da literatura sobre o fazer sociológico relatado acima, fica latente a importância da pesquisa aqui apresentada, ao se propor deslindar a teoria sociológica weberiana em busca de sua relação analítica com a literatura de Dostoiévski e Tolstói, o que consequentemente nos permite visualizar e problematizar conceitos comuns aos dois contextos em pauta – russo e ocidental – na busca por um melhor entendimento a respeito dos processos de racionalização e *desencantamento do mundo*.

Dada a variedade das obras literárias dos autores aqui listados e possíveis de serem relacionadas diretamente com a concepção sociológica de Weber, se faz necessário definir e restringir as obras especificamente expressivas desse cruzamento analítico. De Dostoiévski, as seguintes obras⁷: *O Sonho de um homem ridículo* (1877) e *Os irmãos Karamázov* (1866). Na primeira, encontramos vasto campo de análise a respeito da visão político-filosófica de Dostoiévski, não somente para a tão amada Rússia, mas seus desdobramentos no diálogo travado com o mundo ocidental. Este texto pode se relacionar diretamente com os escritos

⁷ Outras obras relevantes do autor, como *Crime e castigo* e *Memórias do subsolo* foram analisadas na dissertação de mestrado defendida do PPGS-UFAM, em 2012, com o título *Uma sociologia da subjetivação: a sociologia de Max Weber e a literatura*.

políticos de Weber a respeito da própria Rússia⁸ e com os clássicos *Ciência e Política como vocação*. Em *Os irmãos Karamázov*, destaca-se principalmente o apelo da obra para a questão religiosa na Rússia e no Ocidente, notadamente esta com vasto campo de investigação em Max Weber.

De Liev Tolstói, *A morte de Ivan Ilitch (1886)* e *Ressurreição (1899)*. Para a primeira obra selecionada, merecem destaque as questões do racionalismo levantadas pelo protagonista em seus últimos momentos de vida, questões estas também marcantes em toda a sociologia weberiana. Por fim, em *Ressurreição*, teremos novamente, assim como em Dostoiévski, a análise da religião como tema norteador da interpretação dos rumos do Ocidente e da sociedade russa, igualmente pedra fundamental na teoria sociológica de Max Weber.

Assim, é no pilar weberiano conceitual escolhido – *desencantamento do mundo* – que está sedimentada a escolha das obras selecionadas.

A amplitude das obras é irrelevante para análise, nem institui maior empenho naquelas mais substanciosas, já que o intuito aqui não é avaliar sua estrutura narrativa, personagens ou de forma detalhada todo o conjunto de ideias ali postas. Captando os aspectos do espírito geral que trazem, é possível fazer inserções pontuais selecionadas à luz do conceito de *desencantamento do mundo*, extraíndo as significações que possam ter para a análise relacional. Neste sentido, narrativas pequenas como *O sonho de um homem ridículo* ou romances grandiosos como *Os Irmãos Karamázov* recebem igual tratamento metodológico.

No que tange à tradução dos textos weberianos e literários para o português, devo salientar que esta pesquisa só foi possível graças aos avanços qualitativos das mesmas. No caso dos textos de Tolstói e Dostoiévski, por exemplo, o excelente projeto promovido pela editora 34 e no de Weber, em especial as traduções e estudos coordenados por Pierucci⁹). Sem este cenário algo renovado, poderia incorrer em erros interpretativos oriundos das falhas de tradução.

⁸ *Estudos Políticos - Rússia: 1905 e 1917*.

⁹ No recuperar do sentido do conceito de *desencantamento do mundo*, por exemplo, Pierucci cita equívocos nas traduções de Talcott Parsons (das quais se originaram os textos traduzidos para o português) que conferem ao conceito uma miscelânea de significados que de forma alguma lhes podem ser atribuídos.

Diante do exposto acima, a partir do recorte proposto, temos alguns desafios metodológicos que precisam ser abordados. A simples correlação temática da modernidade é insuficiente para garantir a tessitura da argumentação, ainda mais quando estamos lidando com campos diferentes, representados por Weber, de um lado, e por Tolstói e Dostoiévski, de outro, respectivamente, portanto, ciência e literatura. Apenas demonstrar que os autores tratam de um tema comum não torna o texto digno de uma tese. Por isso, nos deteremos agora nos cuidados e implicações que devemos levar em consideração nesta abordagem relacional.

CAPÍTULO 1

Sociologia e literatura: Weber como objeto de estudo e como método

A priori, é fundamental rememorar que, no cerne originário da sociologia, encontram-se elementos singulares que revelam os rudimentos constitutivos da então disciplina nascente. Questionamentos naturais a respeito do seu objeto de estudo ou da natureza dos métodos a serem empregados não obtiveram uma resposta unânime e continuam a desenvolver-se. Em paralelo a estes questionamentos, outra forma de conhecimento, o literário, tem presença marcante não somente no fazer sociológico, mas também na aproximação de temas tratados. Para além das famosas citações weberianas a respeito de Liev Tolstói, inúmeros outros autores utilizaram-se desta relação como matéria prima argumentativa ou demonstrativa. Durkheim faz uso de exemplos literários para construir categorias analíticas a respeito do suicídio, aos moldes do tipo ideal weberiano, asseverando que “Todavia, convém acrescentar que nem sempre essas espécies se apresentam na experiência em estado de isolamento e pureza. Muitas vezes se combinam umas com as outras dando origens a espécies compostas [...]” (DURKHEIM, 2004, p. 369). Ao utilizar-se de exemplos como o do jovem Werther, de Goethe, o autor se vale de um tipo puro encontrado somente na literatura para intensificar a força de seu argumento, asseverando logo em seguida que, na realidade, os vários tipos de suicídio se misturam.

Assim, seja no sentido que parte da teoria sociológica para o texto literário, quanto no inverso, a análise relacional de obras pode e deve ser um recurso a ser utilizado na construção de um conhecimento que possa se expandir na direção de uma riqueza compreensiva de ambos.

Se colocarmos *pari passu* os três autores clássicos da sociologia, Max Weber, por apresentar um grau de complexidade notável em suas construções metodológicas e, portanto, grande versatilidade no estudo dos mais diversos fenômenos da modernidade é o que mais exige, daquele que manipula suas categorias, uma atenção e zelo constantes. Os conceitos weberianos são construídos com vistas a estimular não a sua utilização tal qual um método formado e pronto, mas os elevando a um nível de adequação a cada objeto estudado. De forma alguma isso quer dizer que são categorias relativizadas, certamente tem um

núcleo conceitual fundamental, mas que se ajustam às tonalidades particulares de cada recorte escolhido pelo pesquisador. Quando pensamos, por exemplo, no conceito de tipo ideal, emerge sua função como elemento catalisador de todas as particularidades do objeto escolhido, com vistas a compará-la com a realidade estudada, ou seja, para cada circunstância observada teremos diferentes tipos ideais.

Mas tudo isso é ratificado pela própria nomenclatura atribuída à sua teoria: *sociologia compreensiva*. Integrar os diferentes fatores que contribuíram para que o fenômeno histórico se concretizasse desta forma e não de outra, analisando-os enquanto confluência de elementos, como no caso da ascensão do capitalismo, converte-se em prática comum no fazer sociológico weberiano, merecendo sempre olhares aprofundados com intuito de integrar a sua teoria nas tensões empíricas ou teóricas remanescentes de sua contemporaneidade. Portanto, de forma bastante peculiar, nesta tese, *Weber aparece como objeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, como método*. Como veremos em breve, o conceito que usaremos para realizar esta ponte entre o campo científico e literário é o de *ação social*.

De forma geral, temos duas vertentes estruturantes de uma análise que contemple as duas disciplinas em pauta: a) aquela que considera a obra literária como consequência da realidade social na qual foi produzida e b) aquela que, abrindo mão dos aspectos sociais, analisa o texto literário como elemento independente, detentor de uma pureza que por si só daria conta de revelar a sua riqueza. Ora, no primeiro caso abre-se mão de importantes fontes de análise que contemplam aspectos técnicos e teóricos concernentes ao texto. No segundo, o pesquisador se imiscui de contemplar imprescindíveis fontes vinculadas ao contexto, que poderiam lançar importante luz sobre aspectos ou motivos da obra (cf. LIMA, 2002, p. 662). A metodologia weberiana que leva em consideração múltiplos fatores na análise de um objeto não corresponde a nenhuma destas abordagens reducionistas.

Abordagens não reducionistas solicitam, sem embargo, uma interdisciplinaridade que está posta, a priori, na própria proposta temática desta tese. É todo um movimento que vai do singular ao geral, articulando diferentes áreas do conhecimento. Ciência e literatura, que se desdobram em história, filosofia, ciência política, entre outras. Aqui, ao encontro da proposta weberiana, invocamos Karl

Mannheim, na construção de um método que consiga articular, a contento, os fatores acima delineados:

Precisamos aprender a encarar cada situação como ela se apresenta, livres das limitações impostas pelos hábitos consagrados de pensamento. Cada período propõe suas próprias questões. (MANNHEIM, 2013, p. 2)

A afirmação acima, logo nos primeiros parágrafos do ensaio *Em busca de uma sociologia do Espírito: uma introdução*, bem poderia constar em qualquer texto de Max Weber, como sendo de sua autoria. Os caminhos pelos quais a sociologia da cultura amadureceu revelam inúmeras tentativas de conciliar abstração e concretude; imanência e transcendência; subjetivação e objetivação. As respostas propostas pelos autores que delas se ocupam ora estão em posições similares, ora díspares, a depender da escola de pensamento da qual derivam e a qual se filiam como ponto de partida em busca de um método para esta nova área do conhecimento. É exatamente aí que a abordagem de Max Weber, para os estudos da cultura, se revela portadora de uma singularidade, sem pretender-se desligada das tradições que a precedem. Certo que Weber não se preocupava, no nível de profundidade de Mannheim, com uma área tão específica da ciência social, mas sua contribuição está nas bases do que mais tarde se tornaria uma disciplina independente.

Em Weber, não há receita que possa ser aplicada a todo contexto ou objeto de estudo. É preciso, “pensar cada situação como ela se apresenta”. Seu arcabouço conceitual visa transcender o engessamento metodológico, partindo para elementos que possam dar conta de realidades múltiplas, sem funcionarem como camisa de força ou molde restritivo da realidade. Alia-se a isso o fato de que a abordagem weberiana parece ter, em muitos de seus aspectos, um potencial de universalidade impressionante, sem negar-se o mergulho nos aspectos mais específicos dos contextos estudados. Neste sentido, qualquer caracterização taxativa como, por exemplo, o uso restritivo e ideológico do termo *individualismo metodológico* parece soar redutor e incômodo aos ouvidos de um cientista social que sempre prezou pela singularidade em detrimento da generalização superficial.

Max Weber é, sem dúvida, um reconhecedor das limitações de qualquer ciência em seu recorte específico, mas principalmente no que tange ao avanço

inexpugnável da própria ciência diante da realidade infinitamente mutável e em transformação. Esta postura é a de muitos outros pesquisadores, e também encontra eco nas palavras de Mannheim, quando afirma que “Os investigadores que situam a busca de respostas genuínas acima da “busca de certezas” não aceitarão panaceias e fórmulas sumárias em lugar da compreensão gradual de uma situação problemática. Esta é a razão do caráter fragmentário dos trabalhos de Max Weber [...]”. (MANNHEIM, 2013, p. 9)

Diante desta postura, um fator está no núcleo da análise weberiana: a subjetividade. Este é um elemento presente no fazer sociológico e, talvez, ainda com mais força, ou porque não dizer, mais livre das amarras da objetividade, no âmbito literário. Certamente que uma das primeiras preocupações de toda pesquisa neste contexto é o fato de que sociologia não é psicologia, por mais elementar que esta afirmação possa parecer. Durkheim e o próprio Weber esforçaram-se com esmero para dar autonomia à primeira com relação a esta última. Aliás, esta é exatamente a armadilha a ser evitada, nem a sociologia “psicologizante”, nem a reducionista ao contexto. Mas por que levantar esta questão?

Ora, principalmente as obras de Dostoiévski são reconhecidamente precursoras dos conceitos freudianos e possuem uma carga brutal de subjetividade. Na contramão dos romances naturalistas, a narrativa tem um peso imenso nos aspectos subjetivos das personagens. E aqui é importante destacar que isso ultrapassa a simples descrição de sentimentos ou estados íntimos, elemento passível de ser encontrado em toda literatura. Não, Dostoiévski vai além. Ele cria nexos causais relativos a questões morais e articula vozes conflitantes que expressam posicionamentos filosóficos, políticos e religiosos em profundo diálogo quando do avanço da modernidade na Rússia daquele contexto. Qual seria, então, o papel da sociologia weberiana na interpretação e compreensão dos elementos sociais dos textos literários?

Mais de um século depois do desenvolvimento da sociologia, ao formular uma proposta metodológica que possa dar conta de guiar-me nos estudos relacionais entre literatura russa e sociologia weberiana, são com as velhas questões que desafiam a constituição da sociologia como disciplina que me deparo. Escolhi, de forma geral, como ponto de partida, a meu ver as teorias mais maduras que tratam

de objetos que analisem as ligações entre a sociologia e a literatura, a saber: a teoria do Campo de Pierre Bourdieu e a busca do equilíbrio entre texto e contexto de Luis Costa Lima.

A proposta de Bourdieu está focada na reconstrução do campo de produção simbólica e nas disputas que se desenrolam dentro deste campo pela legitimidade, reconhecendo a influência tanto dos itens que compõem a própria obra, quanto do contexto político, cultural, social, etc., articulando estas diferentes esferas na busca por uma inteligibilidade do discurso que aí se estabelece. Ele afirma que “A análise de obras culturais tem por objeto a *correspondência entre duas estruturas homólogas*, a estrutura das obras (isto é, dos gêneros, mas também das *formas*, dos estilos e dos temas etc.) e a estrutura do campo literário (ou artístico, científico)” (BOURDIEU, 1996, p.63). A teoria de Luis Costa Lima é muito mais ampla do que este aspecto aqui utilizado – o equilíbrio entre texto e contexto na abordagem de um texto literário - mas pinçamos este ponto específico e nos absteremos de trazer para a construção desta proposta metodológica outros aspectos de sua teoria.

No que concerne à proposta do sociólogo francês, acredito que decifrar este diálogo que se faz na disputa pela legitimidade é de fundamental importância na análise de uma obra literária, destacando aqui que este método é construído, em grande parte, a partir da teoria do próprio Weber. No entanto, em função do foco analítico aqui proposto, a respeito da modernidade e seus efeitos no mundo russo, sou levado a crer que não teria fôlego, diante do escopo da tese, para a reconstrução detalhada e precisa do campo intelectual russo. No que diz respeito à contribuição de Bourdieu, portanto, restrinjo-me a revelar as posições ideológicas e políticas de Dostoiévski e Tolstói, em correlação com alguns de seus pares e as características mais gerais com as quais estas posições dialogam no cenário europeu. Desta forma, não abro mão do legado da teoria do campo no entendimento do posicionamento de cada autor, principalmente no que esta teoria me proporciona quanto à compreensão das percepções dos mesmos no que tange à modernidade e seus efeitos. Contudo, o estudo comparado do conceito de *desencantamento do mundo* com os textos literários conduz a uma questão que, para mim, é o centro da análise: como o universo social, suas representações e seus valores se materializam

em um texto, seja na imagem do herói, que pode não pretender ser somente a representação de um indivíduo, mas um conjunto de ideais coletivos¹⁰, seja na construção de um discurso polifônico, como é o caso de Dostoiévski. O que importa é que, em ambos os casos, o texto revela tanto um embate de ideologias e discursos dos atores sociais envolvidos no campo, como é também uma representação muito complexa de aspectos subjetivos e objetivos que desenham exatamente aquele encadeamento que articula o sentido da *ação social* em Weber e seus impactos na construção de valores que podem reger os rumos civilizatórios. Esta sequencia, que vai do sentido subjetivo da ação individual e ganha contornos sociológicos quando este sentido repercute no âmbito coletivo é, de certa forma, também um mecanismo sociológico de abordagem dos textos literários. Estes elementos subjetivos são de caráter muito complexo e desafiam a abordagem sociológica, exatamente por que esta não se ocupa de estados vivenciais psicológicos puros, no que eles possam dizer de destinos individuais, mas quando o sentido da ação subjetiva se inter-relaciona com a teia de representações coletivas e atinge a construção de valores comunitários, aqui adentramos definitivamente no domínio do objeto da sociologia.

É exatamente este esforço que Weber realiza na construção do tipo ideal do *Espírito do Capitalismo*, demonstrando como que uma releitura da teodiceia até então vigente no campo religioso impactou estados vivenciais individuais, redirecionando o sentido de suas ações, que passam a integrar o interesse da sociologia quando atingem o plano societário e deságuam na esfera econômica, em uma confluência de fatores não prevista que tem, no seu bojo, os caminhos estruturais que vão do indivíduo para a sociedade (cf. KALBERG, 2010. p. 37 e 59).

Stephen Kalberg desenha com maestria o ineditismo da análise weberiana, ao recusar tanto rumos evolutivos ou pontos de chegada ao processo histórico, bem como a compreensão de que a sociedade seria um todo e suas partes, que se integram e são regidos por uma eterna busca de funcionamento equilibrado. Esta preocupação com o indivíduo e sua capacidade de fazer escolhas, bem como os

¹⁰ Como a análise irá demonstrar, é o caso do protagonista de *A morte de Ivan Ilitch*, que representa uma espécie de tipo ideal da aristocracia burocrática da Rússia e o avanço do *desencantamento do mundo* naquele país, em seu aspecto de perda sentido da existência pelo avanço da técnica e da ciência.

impactos que estas escolhas podem ter, quando dirigidas ao grupo social estão no cerne de sua proposta. Quando o que está em jogo é a análise sociológica, ele afirma:

As teorias organicistas geralmente partem da premissa de que existe algum nível de integração societária que Weber, no entanto, considera questionável. Ele jamais entendeu as sociedades como entidades fechadas e completamente formadas, com fronteiras delineadas. Percebendo as possibilidades de fragmentação, tensão, conflito aberto e manipulação do poder, rejeita a noção de que a melhor maneira de compreender as sociedades é tomá-las como totalidades unificadas. Além disso, de acordo com ele, se as teorias organicistas forem usadas para outro objetivo além de um meio de facilitar conceitualizações preliminares, haverá um alto risco de “reificação”, ou seja, de conceber a “sociedade” e o “todo orgânico” como a unidade fundamental de análise no lugar do indivíduo. Esse risco pode chegar a tal ponto que as pessoas passariam a ser incorretamente vistas como meros “produtos socializados” de forças societárias. Weber afirma, ao contrário, que as pessoas são capazes de interpretar suas realidades sociais, de atribuir um “sentido subjetivo” a determinados aspectos delas e de empreender ações independentes: “[Somos] homens de cultura, dotados da capacidade e da vontade de assumirmos uma posição consciente face ao mundo e de lhe conferirmos um *sentido* (*Sinn*).” Para Weber, existe uma esfera de liberdade e escolha. (KALBERG, 2010, p. 32-33)

Esta capacidade dos indivíduos de “interpretar suas realidades sociais, de atribuir um sentido subjetivo a determinados aspectos delas e a empreender ações independentes” é o que está no centro da análise weberiana, e é o que vamos articular para desenvolver os estudos dos conceitos weberianos e decifrar, a partir dos textos literários, como que os impactos da modernidade - em Weber colocada a partir do conceito de *desencantamento do mundo* – aparecem na estrutura das obras.

De forma geral, quando um escritor aborda determinados temas, além de dialogar com outros atores sociais e se posicionar no campo de produção simbólica ele também deixa entrever estas interpretações de realidades sociais e seus sentidos subjetivos, quer elas tenham um caráter mais objetivo, como na polifonia de Dostoiévski, que fazia questão de ressaltar que suas personagens tinham lá suas ideias independentes, quer como no caso de Tolstói que, mais carregado ideologicamente, não deixa por isso de expressar em suas obras determinados estados vivenciais coletivos ou representações individuais que falam dos embates na sociedade russa contra o avanço da modernidade e seus efeitos. Assim, a acusação de que suas obras são, na verdade, uma propaganda ideológica, intitulada

pelos críticos de “tolstoísmo” não fez com que o interesse de Weber pelo escritor russo fosse menor. Neste sentido, também para mim, por meio do método aqui proposto, a sociologia da literatura, ao se apropriar deste sentido subjetivo, tal como na ação social weberiana, pode revelar os embates e representações do mundo russo no avanço da modernidade, e exatamente decifrar, de forma mais profunda, o interesse de Weber nos textos de Tolstói e Dostoiévski.

Buscamos o conceito weberiano de *ação social* como complemento às propostas de Bourdieu e Luis Costa Lima, com a segurança de que esta tese não é uma análise política, econômica ou estética das obras literárias, apesar da imensa validade que estas abordagens possam ter, em momentos estratégicos da pesquisa. Não poderia ser, muito menos, uma análise psicológica de Weber ou dos literatos e suas personagens. Assim, justifica-se Weber, ao mesmo tempo, como objeto de estudo e método.

Vale a pena repassar, então, de forma mais detalhada, o que Weber entendia por ação social, para que possamos ilustrar satisfatoriamente como ela pode ser base metodológica, dentro da sociologia, para abordagem de obras literárias.

Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com tantos significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por “ação” entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso. (WEBER, 2009, p. 3)

No âmbito literário, este sentido subjetivo da ação social foi captado por Bourdieu, por exemplo, na teoria do campo. Aqui, porém, pretendemos estendê-la para além das intenções (omitidas ou permitidas), dos atores do campo literário em sua busca pela legitimidade e aplicá-la também na compreensão do próprio mundo russo, na construção daquilo que é especificamente seu. Reconstruir - ainda que não em sua totalidade - como determinados indivíduos atribuem valor a alguns significados e orientam suas ações neste sentido ajuda a compreender seus posicionamentos. Para isto, é preciso compreender estes significados em sua natureza intrínseca. Insisto, com Kalberg, que este foi o esforço de Weber ao se

apropriar de inúmeros detalhes do que ele define como *religiões mundiais*, as condutas de seus representantes e como se entrelaçavam na construção das estruturas da sociedade. De forma ainda mais específica, rememoro novamente a busca pela compreensão dos significados de uma conduta racional ligada ao protestantismo, que leva Weber a articular os meandros da reforma protestante, não com objetivo final de fazer uma sociologia da religião, mas sim pelo fato de que aprofundar-se nesta compreensão de valores era primordial para entender a causalidade que conectava protestantismo e capitalismo moderno, em uma confluência de fatores não esperada. Kalberg afirma:

A investigação dos antecedentes específicos desse espírito, em vez das fontes em geral do capitalismo, moderno ou antigo, constituiu, portanto, o projeto relativamente modesto da Ética protestante. Depois de citar várias passagens de textos de Benjamin Franklin, cujos valores representam para Weber o espírito do capitalismo em estado puro, o sociólogo alemão declara ter descoberto uma ética, um *ethos* “cuja transgressão não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever”. Contudo, na tentativa de desvendar “as origens causais” desse novo conjunto de valores e de “organização da vida”, essa “crítica positiva do materialismo histórico” recusa a ideia de que a classe dominante no capitalismo foi a matriz desse espírito. A crítica contesta ainda o argumento de que as estruturas sociais — estamentos, igrejas ou seitas — estejam na origem de tal espírito. Pelo contrário, Weber, contra a resistência de fortes adversários, queria explorar o “lado idealista”. (KALBERG, 2010, p. 46)

Tendo como ponto de partida o conceito de *desencantamento do mundo*, se me proponho a desvendar as conexões que Weber enxergava com a Rússia e como que este processo de racionalização da religião pela perda dos meios mágicos de salvação (que tem como aplicação a análise do protestantismo, mas do qual os efeitos não se restringem a ele) e seus efeitos podem se relacionar com a ortodoxia russa, por exemplo, preciso realizar uma análise daquilo que Dostoiévski e Tolstói reiteradamente usam como base de suas concepções morais e filosóficas: o cristianismo puro¹¹. A priori, as contradições entre a religião e as demais instâncias do mundo no avanço dos processos de modernização na Rússia estão absolutamente ligadas a este fator. Determinam, como veremos, certa visão a respeito do uso comunitário das terras; a crítica de Dostoiévski ao individualismo; a

¹¹ Inicialmente havia escolhido o termo “cristianismo primitivo” para designar a visão de Tolstói e Dostoiévski, mas percebendo que este já era relacionado, em diversas pesquisas, a uma fase posterior à vida de Jesus, quando da continuidade de seus apóstolos no primeiro século, alterei a expressão para “cristianismo puro”, que aqui significa a doutrina de Jesus sem acréscimo de nenhum dogma ou interpretação, fundamentada unicamente em seus aspectos morais.

controversa posição de Tolstói em sua luta contra o mal no mundo e as bases éticas que se deveriam seguir diante deste politeísmo de valores, fonte dos conflitos psicológicos do escritor russo que despertaram o interesse de Weber não pelas questões emocionais em si mesmas, mas porque ali ele entrevia uma manifestação de um sentido subjetivo que, direcionado à conduta social, representava algo da resistência especificamente russa diante do *desencantamento do mundo* na modernidade. Neste sentido, da mesma forma, se me verei forçado a uma tentativa de compreender este cristianismo puro e suas contradições com o mundo, que se fazem representar nas vozes destes dois literatos, não é que a sociologia da religião seja o fim do processo, mas sim que, dentro da abordagem do conceito de *ação social*, tenho que passar por esta etapa para revelar as ligações entre os conceitos weberianos e as transformações em andamento na Rússia. É o mesmo caminho weberiano ao explorar o lado idealista, nas palavras de Kalberg.

E aqui, o texto literário é mais que uma fonte segura. Em suas características é, ele mesmo, a um só tempo, um processo de subjetivação e objetivação tanto destes valores quando da conduta destes agentes sociais, os literatos, que por meio de seus enredos e protagonistas revelam algo deste sentido da *ação social* e do mundo russo (tal como a análise de Weber do texto de Benjamin Franklin), movimento que vai do indivíduo para a coletividade. O sociólogo alemão define este sentido da *ação social*, por exemplo, como “o sentido subjetivamente visado: a) na realidade α , num caso historicamente dado, por um agente, ou β , em média e aproximadamente, numa quantidade dada de casos, pelos agentes”. (WEBER, 2009, p. 4)

A análise relacional que empreenderemos, por exemplo, no caso do cristianismo puro, em sua mística de amor acósmico universal, pode ser expressa na conduta do monge russo (que é bastante enfática da contradição entre modernidade e tradição na Rússia), representada tanto na figura de Aliócha e de Zóssima, em *Os irmãos Karamázov*, (aqui temos a conduta de um agente num caso historicamente dado) quanto nos grupos de resistência aos valores europeus, em detrimento de toda uma tradição russa: os eslavófilos (já aqui podemos entrever a *ação social* “em média e aproximadamente, numa quantidade dada de casos, pelos agentes”).

Como podemos perceber, o uso do próprio método weberiano fundamentado na *ação social* para a abordagem relacional de sua sociologia com as obras literárias atribui à análise sua base eminentemente sociológica, ao lado do equilíbrio entre texto e contexto e das posições dos atores no campo de produção simbólica.

Mas existem ainda outras fontes de correlação a serem exploradas, e elas nos falam de uma necessidade premente de um retorno a uma abordagem multidisciplinar que, em sua riqueza intrínseca, pode aqui ser representada nesta análise relacional entre sociologia e literatura. Seguindo as pistas de Mannheim, pode-se dizer que

A “sociedade” também é uma construção mental, pois os atos de associação que a constituem são inseparavelmente incorporados àqueles atos em que as ideias são concebidas e reinterpretadas. Embora a sociologia, concebida como a ciência da associação, seja uma disciplina legítima, seu conceito-chave, o de associação, é apenas uma faceta da realidade humana. Os esquemas de interpretação que isolam certos aspectos da realidade em benefício da análise tópica devem conter, desde o início, o projeto de uma síntese final que restabeleça e articule o contexto de seu objeto original. (MANNHEIM, 2013, p. 2)

Um método que articule com segurança a relação entre os aspectos associativos, objeto da abordagem sociológica, e a faceta subjetiva do fazer literário deve, portanto, não prescindir da *integração*. E quando fazemos esta separação entre, por um lado, os aspectos associativos da sociologia e, por outro, os subjetivos da literatura, é importante ressaltar que ela tem apenas valor heurístico na construção do método aqui proposto.

A respeito destes fatores subjetivos, muitas vezes Weber parecia mesmo sentir na própria pele os movimentos consequentes dos processos de racionalização - os quais tentava compreender em suas raízes – como, por exemplo, o *politeísmo de valores*, conceito que expressa o conflito imposto aos indivíduos da modernidade, quando se veem diante de novos deuses, “poderes impessoais e abstratos”, que exigem escolhas “conscientes e auto-reflexivas”, já que a transição para a modernidade é um processo de “internalização e de subjetivação” (cf. SCHLUCHTER, 2000).

E mais, as personagens de Dostoiévski e Tolstói carregam consigo as marcas deste politeísmo de valores, desta subjetividade moderna. Weber é diagnosticador e ator neste grande teatro da modernidade, e parece encontrar eco, na literatura russa, dos resultados de suas pesquisas, seja no âmbito coletivo ou subjetivo. Encontramos, ainda em sua biografia, o marcante relato:

A atmosfera intelectual proporcionada por esses homens estimulou o interesse já forte em Weber pelos russos. Por um longo tempo, vinha planejando escrever um livro sobre Tolstói que contivesse os resultados de suas EXPERIÊNCIAS MAIS ÍNTIMAS¹². Helene e Marianne interessavam-se imensamente por esse plano, e ele queria escrever o livro para elas. Mas os projetos que já começara não lhe deixavam tempo livre para isso. (WEBER, 2003, p. 541)

Para todo entusiasta e estudioso da sociologia de Weber é lamentável e ao mesmo tempo instigante saber que ele não produziu a referida obra, tendo em vista o que seria legado aos estudos de sociologia da arte se a tivesse produzido. Mas o destaque fica por conta de seu interesse na literatura russa, por expressar esse conflito que todo indivíduo da sociedade moderna está fadado a viver, inclusive ele mesmo. Certamente suas “experiências mais íntimas” fazem referência a esta subjetividade. Subjetividade que invoca as realidades últimas acima destacadas. Aqui, nada de psicológico, trágico, dramático, pessoal. Não que Weber não vivenciasse tais estados. Não que esta relação não possa ser feita. Mas o que se ressalta, aqui, é o aspecto sociológico destas “experiências mais íntimas”, calcado, por exemplo, no conflito expresso no conceito de politeísmo de valores.

De forma resumida, elencamos os seguintes fatores, a respeito destes elementos da análise:

a) *Desencantamento do mundo* nada tem a ver com desilusão pessoal, mas com processos de racionalização, dos quais podemos tirar, como consequência, o politeísmo de valores;

b) Estes processos criam, na linguagem de Émile Durkheim, uma *coerção* sobre o indivíduo, passando a integrar o que o sociólogo francês denomina *consciente coletivo*¹³ (cf. DURKHEIM, 2008). Coerção que aparece na teoria de

¹² Grifo meu.

¹³ Certamente as abordagens teóricas de Weber e Durkheim divergem quanto ao papel do indivíduo no conjunto social, mas este não é o caso aqui.

Weber em outro conceito, que também expressa uma consequência do processo de racionalização: *jaula de ferro*, representando a conduta capitalista racionalizada em sua segunda fase, já desprendida da ética religiosa. Weber, Dostoiévski e Tolstói são atores sociais, diagnosticadores e intérpretes destes movimentos que têm, claro, suas diferenças e semelhanças nos contextos russo e alemão, as quais serão explicitadas no decorrer de nossa análise. Este jogo entre indivíduo e coletividade; a forma como contribuem e participam das engrenagens do processo de racionalização e *desencantamento do mundo*; como sentem e reagem aos seus efeitos e, finalmente, as consequências de suas decisões em seus âmbitos de ação é que são o equilíbrio da balança de nossa análise e, ao mesmo tempo, conectam, como em uma mesa redonda, o sociólogo alemão e os dois literatos russos.

c) Weber encontra, na literatura russa, suas personagens e enredos, uma representação dos movimentos que anteciparam ou das consequências do processo de racionalização e *desencantamento do mundo* em curso na Rússia.¹⁴ Para Boris Schnaiderman¹⁵, a obra de Dostoiévski tem dois eixos centrais: os de cunho psicológico e os romances de grandes temas filosóficos. Não negamos as interpretações dos aspectos mais psicológicos da obra do escritor russo como, por exemplo, a análise que o próprio Boris realiza, ao afirmar que Dostoiévski, em um de seus primeiros grandes projetos de romance – *Niétotchka Niezvânova* – antecipa, muito antes de Freud, o desenvolvimento labiríntico da sexualidade em uma menina de oito anos e seu impacto na formação da personalidade (cf. DOSTOIÉVSKI, 2002), e essa relação é possível de ser feita em outras personagens de Dostoiévski, mas destacamos que, mesmo diante desta possibilidade, à luz da sociologia weberiana, tanto em Tolstói quanto em Dostoiévski, o eixo central da relação passa por aspectos que, como foi relacionado a partir do conceito de ação social, têm seu ponto de partida no indivíduo, mas seu ponto de chegada na coletividade. Este fato corrobora, também, no aspecto literário, um eixo de análise que vai à contramão do sentido deturpado do conceito de *desencantamento do mundo*. A subjetividade que

¹⁴ Dissemos “antecipam” ou “consequências” porque o raio de tempo entre os dois autores russos compreende um período de rápidas e intensas transformações na Rússia. Dostoiévski nasceu em 1821 e faleceu em 1881. Já Tolstói nasceu em 1828 e faleceu em 1910. Este curso de tempo compreende desde as primeiras fases em que a “ocidentalização” da Rússia entrava em curso, até o prenúncio de seu amadurecimento.

¹⁵ Coordenador de um dos maiores projetos de tradução das obras de Dostoiévski do original russo.

interessa a Weber é aquela dos grandes temas filosóficos presentes em Dostoiévski e Tolstói e que expressa, também, os meandros da teia dos processos de racionalização que ocorriam na Rússia.

Ora, ainda na trilha de Mannheim, uma síntese final deve reestabelecer e articular o contexto ao seu objeto original. Nosso objeto original, que perpassa tanto o conceito weberiano de *desencantamento do mundo* quanto obras literárias de Dostoiévski e Tolstói é o avanço da modernidade e suas consequências. Weber analisou estes processos no Ocidente, comparando-os com outras civilizações em busca do especificamente ocidental, tudo isso sob o primado da objetividade e clareza pertinentes ao fazer científico. Dostoiévski e Tolstói o fizeram a partir da linguagem literária, mais independente e liberta de exigências formais. No entanto, o objeto original de ambos é o mesmo: o avanço da modernidade e suas consequências. Relacioná-los exige, portanto, um cuidado bem peculiar, principalmente no que tange à diferença de linguagens, oriundas dos campos de atuação simbólica diferentes em sua essência, sem serem, no entanto, radicalmente dicotômicos em sua lógica de funcionamento. Esta diferença é o primeiro recorte a ser analisado, se considerarmos tais elementos como partes de uma síntese a ser buscada. Aprofundemo-nos um pouco mais nela, portanto.

É certo que não teremos, no discurso literário, a mesma preocupação com a objetividade presente no discurso científico. Dissemos que os campos de atuação simbólica são diferentes em sua essência, porque os pré-requisitos que definem a construção de um material simbólico no campo literário não são os mesmos que atuam sobre o fazer científico e, talvez, a exigência de imparcialidade seja o maior exemplo disto. Como podemos observar, as teorias mais maduras que estudam a linguagem literária, tais como Bakhtin (2008) e Luis Costa Lima (2002) se preocupam em estabelecer uma leitura do texto que, fugindo da ingenuidade reducionista, atribua todas as ideias das personagens como sendo as de seu autor. Mas cremos que este problema seja essencialmente diferente da questão de objetividade científica, ou seja, a particularidade de cada campo no que tange à estruturação de sua linguagem é real.

Na contramão da linguagem, no que diz respeito à lógica de funcionamento destes dois campos, científico e literário, as semelhanças são notadamente

marcantes. Bourdieu (2009), ao analisar a questão, afirma que “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) [...]” (BOURDIEU, 2009, p. 9). Com destaque para os parênteses do autor em “mundo social”, ou seja, aquele correspondente ao mundo associativo de Mannheim. Ainda dirá Bourdieu que

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (cf. Weber), quer dizer, do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social.” (BOURDIEU, 2009, p. 11-12)

Ciência e literatura são, pois, campos onde as leituras e tentativas de ordenação do mundo são realizadas. Sua lógica de funcionamento, nos aspectos de dominação e estabelecimento de uma ortodoxia perpassam tanto o fazer literário quanto o científico. O que ocorre é que, na proposta de integração que aqui se desenha, a violência simbólica ou os parâmetros de leitura de mundo construídos - tanto no que Bourdieu define como *vida cotidiana* quanto para a realidade específica dos especialistas - migram de um campo para outro e dialogam na disputa que se estabelece, correspondendo-se entre si, em um enriquecimento conceitual e simbólico mútuos. Podemos citar, como exemplo, o intrincado processo de interrelação entre a literatura e a sociologia na constituição desta última como disciplina. A perder de vista a quantidade de casos analisados por Lepenies (1996), na obra *As três culturas*, pode-se ter uma ideia da constante interpenetração entre estes dois campos.

Ora, estabelecida esta fronteira, fica mais fácil compreender que estamos lidando com dois sistemas simbólicos que, em resumo, possuem linguagens distintas, mas lógicas de funcionamento semelhantes. A integração aqui proposta deve considerar estes dois aspectos, a fim de que a inter-relação entre os conceitos

weberianos e os textos literários não sofra solução de continuidade ou infiltrações estruturais no que tange à síntese proposta por Mannheim, do objeto inicial - a modernidade e suas consequências - sob pena de cometermos erros relacionais que colocariam em cheque a inteligibilidade de como estes dois campos se aproximam.

A análise da linguagem e suas normas envolve as estratégias e caminhos escolhidos pelo autor, diante das exigências e desafios impostos pelo campo de produção simbólica. No caso da literatura, por exemplo, a alta carga de subjetividade e objetividade presentes no conceito de polifonia, recurso usado por Dostoiévski para dar voz às múltiplas ideias de seu tempo em embate (cf. BAKHTIN, 2008). Já a lógica de funcionamento do campo observa as disputas existentes pelo domínio da violência simbólica ou pela consagração dos parâmetros de leitura do mundo, ou seja, conceitos chave que interpretam a realidade, tais como a leitura que Weber faz dos processos de autonomização da arte, por um lado, e a controversa visão que Tolstói tinha a respeito do tema, como veremos no decorrer da análise.

Neste ponto há que se levar em conta toda uma celeuma em torno do texto literário ser considerado um “documento histórico” ou não. De forma resumida, a posição que adotamos pode ser expressa em um artigo no qual Josef Frank analisa esta mesma problemática com relação ao romance *Os Demônios*¹⁶, de Dostoiévski. Diante das acusações dos críticos de que o escritor russo teria distorcido a história e mal interpretado as bases filosófico-morais deste grupo revolucionário na hora de utilizá-la como pano de fundo para sua ficção, Frank demonstra, de forma magistral, que Dostoiévski, ao se inspirar em seu líder - Sierguei Nietcháiev - para criar um dos protagonistas da trama - Piotr Vierkhoviénski - que ocupa posição correlata a de Sierguei na vida real, trouxe à tona todo um complexo de valores contraditórios e justificativas pretensamente filosóficas para tomar decisões altamente comprometedoras, o que corresponde a facetas da personalidade de Sierguei que não escaparam a Dostoiévski e que, pelo seu estilo revelador das subjetividades humanas, foram retradadas com maestria na obra. Frank compara cartas e documentos reais que revelam a similitude entre o perfil da personagem construído

¹⁶ O Romance retrata o assassinato de um estudante chamado Ivan Ivánov, em 1868, por um grupo de revolucionários liderados por Sierguei Nietcháiev, figura na qual Dostoiévski se inspirou para criar um dos protagonistas da trama: Piotr Vierkhoviénski.

por Dostoiévski e Sierguei, apesar de o próprio autor do romance afirmar que não deu tratamento pessoal a nenhum dos dois.

Gostaria de destacar três observações de Josef Frank que vem ao encontro do que deve ser esclarecido neste ponto. Previamente à análise que empreende, Frank afirma, com respeito à problemática entre romance e história:

A relação entre história e romance sempre foi complexa e é muitas vezes difícil fazer uma distinção precisa e clara entre os dois. A história relata o passado, remoto ou imediato, de um modo que implica uma reivindicação factual de verdade; o romance é manifestamente obra de ficção. Mas é também uma das mais antigas convenções da forma romance que o autor pretenda que sua estória seja, na verdade, uma obra de história, um fragmento do passado acidentalmente preservado e apresentado para deleite e talvez instrução da posteridade. Quantos manuscritos há muito abandonados foram descobertos desfazendo-se em sótãos ou acumulando pó em alguma gaveta de escrivaninha antiga! Quantos romances ingleses do século XVIII se oferecem como *A Verdadeira História de* — não importa qual o assunto! Quantos romances franceses do mesmo período contêm a palavra *Mémoires* em seus títulos! Mesmo quando a reivindicação de validade histórica não se fazia mais de forma tão aberta, esta, não obstante — como bem viu Henry James, continuava existindo como uma premissa implícita do empreendimento novelístico. “Todos os pintores de costumes e modas, se quisermos, são historiadores”, ele escreveu, “mesmo quando menos vestem o uniforme: Fielding, Dickens, Tackeray, George Eliot, Hawthorne, entre nós”. O papel do romancista, queira ele ou não, é basicamente o mesmo de um “historiador”... (FRANK, 1992, p. 151)

A despeito desta relação problemática, a crítica recusou-se a uma solução excessivamente formal e adotou um parâmetro para a análise da questão. Mais a frente, Frank relata:

Mas uma solução tão radical do problema não foi amplamente aceita, e os críticos se contentaram, em relação a escritores como Walter Scott e Balzac, em exigir apenas uma conformidade geral com os contornos da realidade histórica, em vez de precisão inatingível em cada detalhe de interpretação e em cada traço de caráter. Desde que o romancista revelasse aspectos essenciais do período ou do acontecimento com o qual estava lidando, e não violasse os limites da verossimilhança histórica e da probabilidade psicológica, o problema da exatidão, no sentido estrito do termo, se tornou comparativamente irrelevante. Ninguém critica Scott porque *Ivanhoé* não está de acordo, em todos os aspectos, com nosso conhecimento atual da Idade Média, ou *O Talismã* com os últimos resultados das

pesquisas sobre as Cruzadas. Ninguém se preocupa em atacar Balzac porque as personagens de *Ilusões Perdidas*, baseadas em personalidades culturais e literárias famosas do século XIX francês, são refletidas através do prisma distorcido da imaginação engrandecedora de Balzac. Ninguém pensa ser um grande defeito de *Guerra e Paz* o fato de que uma personalidade tão marcante e poderosa como Napoleão seja transformada num pequeno fantoche patético e auto-indulgente.

Tudo isso é apenas para argumentar que o que se tornou verdade para Scott, Balzac e Tolstói também deveria começar a sê-lo para Dostoiévski. É tempo de parar de insistir nas inevitáveis discrepâncias entre os registros históricos e o romance, e de colocar o problema da “exatidão” no sentido amplo que se tornou habitual para outras obras do mesmo gênero. (FRANK, 1992, p. 155)

Dos romances escolhidos para análise, apenas *O Sonho de homem ridículo*, de Dostoiévski, não segue necessariamente esta questão, por ser essencialmente uma ficção que guarda, em si, um debate filosófico sem elementos que retratem necessariamente a vida real. *Os Irmãos Karamázov*, *A Morte de Ivan Ilitch* e até mesmo *Ressurreição*, uma das obras de Tolstói que são acusadas de ser um panfleto ideológico guardam cenas e relatos, sejam de aspectos materiais das cidades russas ou de seus costumes, mas principalmente daquilo que outrora denominamos de valores subjetivos, que podem e devem servir de fonte para uma análise representativa daquela Rússia.

Importante notar que, neste sentido, o movimento relacional ultrapassa a simples análise de semelhanças entre conceitos científicos e leituras de mundo oriundas da literatura. Parte da constatação de que, se os três autores tratam do mesmo objeto - a modernidade e suas consequências - apesar de estarem em campos de produção simbólica diferentes, a interrelação entre ambos os campos proporciona uma abordagem absolutamente profícua e que pode fomentar a comparação dos resultados obtidos por eles, com base nas divergências ou semelhanças de seus posicionamentos e estratégias capazes de dar inteligibilidade a esta nova realidade.

Mas a comparação deve levar em conta, ainda, outro risco que está na base da compreensão dos objetos, em sua singularidade, antes de relacioná-los: o reducionismo ao contexto. E isso é válido tanto para o campo científico quanto para o literário. Weber foi buscar em Tolstói e Dostoiévski inspiração para a parte mais

subjetiva de sua sociologia, exatamente àquela que diz respeito à compreensão das ações individuais, com vistas a relacioná-las com a constituição das relações sociais. Na busca pela compreensão dos rumos do Ocidente e dos melhores caminhos a serem tomados pela Alemanha de seu tempo, pensou encontrar na Rússia a possibilidade de uma alternativa para inexorabilidade da dominação simbólica capitalista. A busca pela compreensão desta nação em amadurecimento tardio o fez enxergar em Dostoiévski e Tolstói, bem como em suas literaturas, modelos de ação humana que representavam condutas diametralmente opostas às aquelas já solidificadas no “Espírito do Capitalismo”. A grande questão era saber se, a partir dos embates e da luta de deuses que adentravam na Rússia em desenvolvimento, poderia nascer uma nova solução para a modernidade que divergisse dos caminhos já tomados pelas nações ocidentais. Dito de outro modo, a princípio, poderíamos imaginar encontrar uma relação simplista entre os romances selecionados para análise e uma compreensão dos processos de modernização da sociedade russa. Ocorre que esta seria uma postura reducionista. Luis Costa Lima explica, a respeito desta tomada de posição analítica que

Se o seu propósito se manifesta predominantemente em favor de uma compreensão da sociedade, sua tendência será a de ver as obras literárias e artísticas como epifenômenos do tecido social, como “documentos” da “realidade”, capazes por si de dizerem desta. Assim o analista esquece que o documento não tem um significado natural, mas que só se torna documento em função da interpretação que o elege; esquece ademais que a sua própria concepção de realidade social tampouco é um insofismável dado natural, algo que se impõe aos olhos, mas também produto de uma interpretação histórico-socialmente condicionada.” (LIMA, 2002, p. 661-662)

O reconhecimento da limitação interpretativa, bem como dos limites de uma leitura de mundo que, por mais imparcial que busque ser estará sempre condicionada às fronteiras de seu tempo é uma constatação essencialmente weberiana. Deste modo, não poderíamos transformar os textos literários selecionados para análise em “documentos com um significado natural” ou “epifenômenos do tecido social”. É necessário relacioná-los aos aspectos biográficos dos autores, bem como às análises técnicas provindas dos teóricos da literatura, sem descambarmos, claro, para o outro extremo da balança, uma leitura que alce o texto a uma condição de independência absoluta quanto ao contexto no qual foi produzido. Mas isto também ainda não é suficiente. Ora, se o tema comum é

modernidade e suas consequências, buscar em um autor canônico para o tema, como Weber, elementos que auxiliem o deslindar dos processos postos nas obras literárias é nos munir de conceitos e categorias que tornem inteligíveis os processos subjetivos e objetivos descritos nestas obras, promovendo, ao mesmo tempo, estudos em torno dos conceitos weberianos que viabilizam esta inteligibilidade. Esta estratégia não só nos retira da dualidade perigosa texto/contexto, como acrescenta outros elementos ao plano de análise, tornando-a tridimensional.

Os elementos constitutivos da análise relacional seriam, portanto: a) o processo de *desencantamento do mundo* diagnosticado por Weber no mundo ocidental; b) A relação convergente e divergente destes processos no textos literários a partir do contexto histórico em pauta e c) os aspectos biográficos e técnicos tanto dos textos científicos quanto dos literários. O movimento de estudo do conceito weberiano passa a ser por meio de uma via de mão dupla, na qual o conceito lança luz sobre os textos literários e estes sobre o conceito. Para encerrarmos este tópico, devolvemos a palavra à Mannheim, naquilo que para mim é também um protesto contra o isolamento da sociologia dentro de seu próprio universo e uma explicitação da validade da literatura como campo disciplinar e relacional nos estudos da sociedade que, seja em seus processos associativos/objetivos ou mentais/subjetivos não enxerga fronteiras acadêmicas ou disciplinares. Cientistas e literatos tratam das mesmas questões. Relacioná-los a partir de um método flexível, mas sólido em seus elementos, é conferir à sociologia da cultura uma riqueza inestimável. Dirá Mannheim:

Alguns intérpretes da sociologia, deliberada ou inconscientemente, tentaram tornar sua disciplina academicamente aceitável seguindo o consagrado princípio da especialização a qualquer preço, mesmo com o risco de perder de vista a questão nuclear inerente à matéria. Embora a prática tenha poupado alguns sociólogos da censura de colegas que trabalham numa aguda fase de chauvinismo departamental de um tipo ou outro, a sociologia aproximou-se do perigo de descartar sua identidade e seu objetivo primeiro, que é o domínio racional do universo das relações humanas. Este universo não é forjado aos moldes de uma tradição acadêmica compartimentalizada; e não será com a delimitação de um campo acadêmico especializado com sinais de avanço e recuo que se irá restringir a interdependência entre os homens. Quem pretenda penetrar no desconhecido deste universo não irá impedir-se de

seguir pistas contíguas¹⁷. As necessidades de nosso tempo antepõem-se à metodologia explícita dos que propugnam pela autossuficiência departamental. O que não quer dizer que um tipo contextual de investigação venha tomar o lugar da especialização no campo científico. Pelo contrário: a divisão do trabalho tornou-se condição elementar do aprendizado. A aceitação deste ponto, entretanto, não implica de modo algum a aceitação fatalística da tese de que a sociologia do espírito é um campo excessivamente vasto para uma abordagem legítima. A necessidade de definir o foco da investigação pode condenar para sempre as ciências sociais à cegueira voluntária para com problemas situados entre os limites convencionais de duas ou mais disciplinas. Deve haver – e há na verdade – uma sensibilidade crescente para configurações do real que a visão parcelada esconde. (MANNHEIM, 2013, p. 5-6)

As pistas contíguas são exatamente estas, oriundas dos diversos campos de conhecimento. A modernidade seus efeitos sem sombra de dúvidas apresentam “problemas situados entre os limites convencionais de duas ou mais disciplinas”. Assim como Mannheim, acreditamos que tal procedimento não significa realizar uma análise genérica e rasa. A construção do método que aqui desenhamos é exatamente para proporcionar esta profundidade, a partir de diversos universos teóricos.

Mas ainda no que tange à metodologia, restam alguns problemas a ser solucionados no que concerne à estrutura de análise. Temos como ponto de partida o conceito weberiano que ocupa lugar central no desenvolvimento do trabalho: *desencantamento do mundo*. Temos também as obras literárias selecionadas de Tolstói e Dostoiévski. Três caminhos me pareceram possíveis. A seguir, demonstrarei os dois que eliminei e seus aspectos principais, para poder explicitar uma terceira via possível.

Na primeira possibilidade, poderia encaminhar a análise a partir dos conceitos weberianos, sem levar em consideração uma estrutura de ordenação ou inteireza das obras literárias. Já em uma segunda opção, poderia analisar as obras, respeitado seu enredo estrutural e vinculando a elas os pontos pertinentes do conceito sociológico weberiano.

Parece-me que tanto uma como outra acarretariam alguns prejuízos, seja para a fluidez do trabalho ou para o encadeamento da relação proposta. No primeiro

¹⁷ Grifo meu.

caso, ao estruturarmos a construção da análise somente a partir do conceito weberiano, o que se promove é um esfacelamento dos textos literários, deixando o leitor à deriva no que tange aos seus enredos. Já no segundo caminho, caso privilegiássemos a manutenção da integridade do enredo das obras literárias, colocando-as como eixos temáticos, me veria forçado a um retorno cansativo e entediante ao conceito weberiano, cada vez que eles pudessem se relacionar analiticamente com as obras literárias, provocando uma repetição temática que se diferenciaria apenas pela particularidade do enredo, mas que seria idêntica às argumentações conceituais já desenvolvidas anteriormente.

Explicitados estes fatores, vamos prosseguir por uma terceira via. Com intuito de fornecer ao leitor uma localização conceitual a priori, vamos realizar um breve estudo do conceito weberiano de *desencantamento do mundo*, dividindo-o em suas duas acepções para aprofundá-lo em seguida, a partir dos próprios enredos das obras literárias selecionadas. Acreditamos, assim, eliminar o problema da repetição conceitual explicativa aplicada a uma estrutura que levasse em consideração apenas o enredo das obras, tanto quanto aquela que, partindo apenas do estudo conceitual, utilizasse os textos literários de forma esfacelada, retirando do leitor o prazer de compreender a integridade destes mesmos textos.

Algo pude constatar, de antemão, a partir da leitura inicial tanto da teoria de Weber quanto dos textos literários: a amplitude das “descobertas” weberianas é de tal monta e aplicabilidade para entendermos a modernidade e sua característica racionalização, estudada por Weber a partir do conceito de *desencantamento do mundo*, que podemos reunir os pequenos enredos dos textos literários selecionados sob este mesmo teto, recortando as especificidades e dando inteligibilidade a elas a partir da teoria. Daí intitularmos este tópico de *Sociologia e literatura: Weber como objeto de estudo e como método*.

Pierucci (2003) defende a tese de que a sociologia da religião weberiana vincula-se a uma proposta mais abrangente, não podendo, ela mesma, ser isolada deste aspecto, a saber: todos os conceitos e categorias convergem para um objetivo - a compreensão do processo de racionalização do Ocidente. Nesta perspectiva, a divisão estrutural que se atribui a sua sociologia nada mais é que etapas ou elementos de um ponto de chegada. Na verdade, para Weber, este deveria ser o

objetivo não só de seu fazer sociológico, mas das disciplinas como um todo: “A explicação desta racionalização e o formar dos correspondentes conceitos constituem, portanto, uma das principais tarefas das nossas disciplinas” (Weber, 2003, p. 115).

Desencantamento do mundo é, portanto, um conceito que visa dar conta da compreensão de transformações estruturais na modernidade, logo, não pode ser escalonado sem um retorno ao objeto inicial nem estereotipado a partir de interpretações que o isole do projeto ao qual está vinculado. A literatura é, também, uma expressão histórico-cultural que revela determinados contextos e análises político-religiosas a respeito do *desencantamento do mundo* e suas consequências sendo, a Rússia, para Weber, um vasto celeiro de possibilidades.